

## **Demandas e desafios no trabalho com comunidades tradicionais do Baixo Amazonas – NEABI-IFAM/CPA**

*Manoel Ferreira FALCÃO<sup>1</sup>;*

*Elaine Barbosa Amazonas<sup>2</sup>*

*Thiago FERNANDES<sup>3</sup>;*

### *Resumo:*

Este projeto busca apresentar as atividades desenvolvidas, através das ações do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígena, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas *Campus* Parintins NEABI-IFAM/CPA, abordando questões surgidas a partir do planejamento e execução das primeiras experiências desenvolvidas por professores e técnicos desta instituição, em Visita Técnica na comunidade indígena Sateré-Mawé Monte Betel, localizada na região do Uaicurapá, Parintins - Amazonas, apresentando, também, os desdobramentos realizados junto às lideranças das comunidades da calha daquele rio e ainda apresentando a perspectiva dos membros da comitiva quanto a realização desta ação de extensão frente ao desafio solicitado pelos moradores. A metodologia deste trabalho terá como base o relato de experiência, acompanhado de entrevistas semiestruturadas com a comitiva e registro das demandas da comunidade, tendo as demandas locais como ponto de partida para futuras ações institucionais.

*Palavras-chave: Visita Técnica; Comunidade Tradicional; Sateré-Mawé; NEABI-IFAM/CPA.*

### **Introdução**

Este artigo busca de maneira preliminar apresentar as atividades desenvolvidas, através das ações do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígena, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas *Campus* Parintins NEABI-IFAM/CPA<sup>4</sup>, cujos membros vem realizando atividades de intervenção junto às Comunidades Indígenas, inicialmente na comunidade indígena Monte Betel no Rio Uaicurapá<sup>5</sup> em Parintins – Am.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas – PPGSCA/UFAM, em Parintins, Amazonas; e-mail: manoel.ferreira@ifam.edu.br

<sup>2</sup> Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2005) e Graduação em Letras - Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (2012) Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Amazonas-Brasil (2007), Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-Brasil.

<sup>3</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Especialista em Filosofia moderna e contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Atua como Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico de Sociologia no IFAM/CPA *campus* Parintins.

<sup>4</sup> Doravante denominado NEABI-IFAM/CPA.

<sup>5</sup> Uma área do Rio Uaicurapá compõe a Terra Indígena Andirá-Marau, possuindo, porém, menor densidade demográfica que os demais rios desta TI.

Serão abordadas questões surgidas a partir do planejamento e execução das primeiras experiências diretas desenvolvidas por professores e técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas *Campus* Parintins - IFAM/CPA<sup>6</sup> em visita técnica à comunidade indígena Monte Betel, localizada na região do Uaicurapá, Amazonas, apresentando, também, os desdobramentos realizados junto aquelas comunidades.

O mesmo tem por objetivo principal apresentar as ações do NEABI-IFAM/CPA<sup>7</sup> realizadas através do IFAM/CPA, nos âmbitos do planejamento e execução de ações junto às Comunidades Tradicionais enquanto devolutiva às solicitações apresentadas pelos comunitários.

Desta forma, buscar-se-á neste relato de experiência apresentar os resultados alcançados durante a preparação e execução de visita técnica, realizada por uma comitiva multidisciplinar do IFAM/CPA, à Comunidade Indígena Monte Betel, localizada no Rio Uaicurapá, realizada no dia 16 de setembro de 2017.

Pretende-se ainda, expor as atividades realizadas no dia da visita a Aldeia Indígena Monte Betel, localizada no Rio Uaicurapá pelo NEABI-IFAM/CPA, descrevendo a preparação, o percurso de ida e de volta, as atividades realizadas na comunidade, bem como, a avaliação da atividade.

O Diretor Geral do IFAM Campus Parintins, também, foi entrevistado sobre o papel do *Campus* em relação aos povos indígenas, em seu gabinete no dia 04 de outubro de 2017, quando foram feitas para ele sete perguntas sobre a visita.

Avaliar a continuidade das ações partindo da perspectiva dos membros da comitiva diante do desafio desta ação de extensão na Amazônia.

Segundo Rocha (2017) o objetivo principal desta atividade foi:

(...) dá início as ações do NEABI-IFAM/CPA no *Campus* Parintins, e como primeira ação não poderia ter sido melhor a oferta de Inglês aos indígenas Saterê-Mawé, como parte da programação tivemos a oportunidade, e a grata satisfação, de participar do Ritual da Tucandeira na aldeia indígena Sateré, na semana seguinte tivemos a continuidade com a aula inaugural no ambiente da UFAM, com o início das aulas de inglês, esta experiência pioneira e vai trazer bons frutos para as atividades desenvolvidas pelo Núcleo.

A metodologia escolhida foi o relato de experiência, com base no registro etnográfico, iniciando por um levantamento bibliográfico sobre o surgimento IFAM/CPA, as demandas de extensão através do NEABI-IFAM/CPA, povo Sateré-Mawé que através de seus

---

<sup>6</sup> Doravante denominado “IFAM/CPA/CPA”.

<sup>7</sup> O NEABI-IFAM/CPA foi instituído pela portaria nº 468 de 29 de setembro de 2017 e tem como objetivo promover ações, estudos e projetos relacionados à temática indígena e negra tanto no âmbito do ensino institucional, quanto no município de Parintins e sua região.

representantes veio a solicitar a intervenção e ainda sobre a região pesquisada. Posteriormente serão apresentadas as etapas da atividade desde a solicitação feita pela comunidade ao IFAM/CPA, passando pela preparação, indo até a concretude da resposta a demanda apresentada, embasando-se na perspectiva dos profissionais participantes de acordo com suas áreas de atuação.

O pensamento antropológico carece da disponibilização de ferramentas de outras áreas e de conhecimentos específicos, para que se coloquem como instrumentos de auxílio na busca por compreender o Humano e sua experiência social, sobretudo na relação com a alteridade, esteja ela próxima ou distante, com baixo ou alto grau de acessibilidade.

A maior limitação para a realização desta empreitada, é a pouca experiência em intervenções junto a comunidades tradicionais, por parte da equipe, o que pode ser superado pelo empenho e interesse que a equipe tem demonstrado.

Pois para se compreender uma dada realidade social constitui um dos desafios que mobiliza a pesquisa com grupos sociais ao longo do tempo, buscar descortinar as realidades de uma comunidade e/ou sociedade específica, tem mobilizado, particularmente, as ações de extensão realizadas na Amazônia.

Por isso, através deste trabalho pretende-se contribuir para que esta compreensão do Humano e de suas relações inseridos como parte integrante das realidades abordadas seja efetiva.

### **As ações de Extensão do NEABI-IFAM/CPA, um retorno social**

A criação do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia - IFAM/CPA é apresentada no Inciso IV da Lei 11.892, que lhe institui, “mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas e das Escolas Agrotécnicas Federais de Manaus e de São Gabriel da Cachoeira;” (BRASIL, 2008).

Posteriormente com a promoção do processo de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, são criados outros *Campi* em regiões estratégicas do Amazonas, entre eles o *Campus* de Parintins.

Já nos primórdios de sua criação, o IFAM/CPA<sup>8</sup> traz a preocupação da responsabilidade de buscar promover suas atividades junto às comunidades tradicionais, indígenas e não indígenas no interior do Estado do Amazonas.

---

<sup>8</sup> O IFAM/CPA (Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia), criado por meio da Lei 11.892/2008, está inserido no município de Parintins/AM, desde 2010 e tem como um de seus desafios principais promover em

Cunha e Almeida (2001) definem Comunidades Tradicionais como:

grupos que conquistam ou estão lutando para conquistar (por meios práticos e simbólicos) identidade pública que inclui algumas e não necessariamente todas as seguintes características: uso de técnicas ambientais de baixo impacto; formas equitativas de organização social; presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis; e, por fim, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados. (p.192).

No inciso I do Artigo 6º é ressaltada como finalidade dos Institutos, colaborar para o desenvolvimento local, regional e nacional.

Os Institutos Federais tem por finalidades e características. I - Ofertar a educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional. (BRASIL-2008)

De maneira semelhante, Silva (2009) apresenta a questão da importância da territorialidade no processo de criação dos institutos federais:

Os institutos devem estar fincados em determinado território geográfico que constitui a soma de municípios que compõe as mesorregiões com instalações físicas destas instituições. Entretanto, a esse conceito deve ser incorporada a concepção de território enquanto construção sócio cultural que ocorre em determinado espaço e tempo, trata-se, portanto, de um espaço estabelecido por grupos sociais a partir de suas identidades e das interações que ocorrem entre si, num determinado tempo histórico (p. 35).

Silva (2009) Continua e interpela sobre a necessidade das intervenções participativas junto às comunidades circunvizinhas aos *Campi*.

Esse cenário exige que se supere a dimensão apenas geográfica de território e passe a percebê-lo como espaço de rede de relações sociais em permanente movimento e, conseqüentemente, em constante mutação. É no território que se materializa o desenvolvimento local e regional na perspectiva de sustentabilidade – um dos preceitos que fundamenta o trabalho dos Institutos Federais. Ouvir e articular as demandas do território nos quais essas instituições estão inseridas, com suas possibilidades científicas e tecnológicas, tendo como foco a melhoria da qualidade de vida, a inclusão social e a construção da cidadania, é imprescindível (p. 35 e 36).

Nesse sentido, a dimensão da ação de extensão incorpora e toma para si o desafio de promover nas regiões circunvizinhas ao município de Parintins o acesso ao conhecimento e melhores práticas de vivência e desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades tradicionais de seu entorno. O que é sugerido por Wagley (1988, p.40) “Qualquer ideia nova só será aceita se, na cultura pré-existente houver uma base que torne útil o elemento”.

O Rocha (2017) corrobora esta posição ao afirmar que:

Nossa missão é essa, precisamos superar os muros da instituição, esta atividade esta ligada com a extensão, sem dúvida a comunidade está envolvida, o IFAM/CPA é uma entidade Certificadora e Creditadora e como tal, nós precisamos transpor os muros da instituição. Isto vai trazer experiência para as novas ações e estimular os colegas que as vezes pensam em fazer alguma coisa diferente do que realizam no *Campus*, para desenvolver outras atividades com a comunidade, pois abre a oportunidade principalmente para ações voltadas para os cursos técnicos de recursos pesqueiros, meio ambiente e agropecuária.

Para tanto, a ida a campo, tornar-se-á mais que necessária, fundamental, para a concretização desta diretriz, tanto ações nos âmbitos do Ensino, da pesquisa e da extensão, quanto da prática de visitas às comunidades indígenas com o fito de ouvir em loco as demandas destas comunidades.

A comitiva<sup>9</sup> do NEABI-IFAM/CPA foi composta por seis profissionais incluindo o próprio Diretor Geral da Instituição o qual fora, também, o prático<sup>10</sup> da embarcação durante ambos os trajetos de ida à comunidade e de retorno à cidade, participaram, também, o Diretor de Departamento de Ensino, mais quatros professores de diferentes áreas e dois membros da comunidade com seu filho.

Em relação ao deslocamento e as atividades. A comitiva partiu da sede do município de Parintins pela manhã por volta das 07h e 30min, do porto da Marina Morena, localizado no Bairro Santa Clara com destino a aldeia indígena Monte Betel, fizemos uma parada rápida na Vila Amazônia onde a outra comitiva de visitantes nos aguardava, de lá partimos em comboio seguindo a lancha do Distrito Sanitário Especial Indígena Parintins - DISEI-PARINTINS<sup>11</sup>, fizemos uma parada rápida para repor o combustível no tanque do barco e seguimos viagem, que durou cerca de 2 horas e 30 minutos.

### **A Aldeia Sateré-Mawé e as primeiras ações de extensão do NEABI-IFAM/CPA**

Para melhor embasar este trabalho será apresentado um perfil da comunidade visitada, iniciando pela definição, do povo Sateré-Mawé, que compõe prioritariamente a população daquela comunidade, partindo então para uma breve apresentação da língua Sateré-Mawé que é utilizada naquela comunidade.

<sup>9</sup> A Comitativa Interdisciplinar do IFAM/CPA foi composta por professores das seguintes áreas: de Sociologia, Geografia, Língua Inglesa, Química, Biologia e Língua Portuguesa. Inicialmente ela seria composta por mais profissionais de outras áreas, porém houve alguns contratemplos na véspera da viagem.

<sup>10</sup> Nome dado na região Amazônica aos pilotos das embarcações.

<sup>11</sup> O Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI-PARINTINS) que por sua vez é diretamente subordinado a Sesai - Secretaria Especial de Saúde Indígena, área do Ministério da Saúde responsável por coordenar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS), no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Lorenz (1992) em sua obra “*Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*”, apresenta o povo Sateré-Mawé a partir de sua localização e de sua autodenominação:

Os Sateré-Mawé, povo que habita a região do médio rio Amazonas, na divisa do Amazonas com o Pará, integram o Troco Linguístico Tupi. Os homens atualmente são bilíngues, falando o Sateré-Mawé e o Português, mas a maioria das mulheres, apesar dos 322 anos de contato com os brancos, só fala o Sateré-Mawé (LORENZ, 1992, p. 11).

O povo Sateré-Mawé já recebeu distintas nomenclaturas:

(...) dados por cronistas, desbravadores dos sertões, missionários e naturalistas: Mavoz, Malrié, Mangnés, Mangnês, Jaquezes, Magnazes, Mahués, Magnés, Mauris, Mawés, Maragná, Mahué, Magneses, Orapium. Mas, autodenominam-se Sateré-Mawé. (SOUZA, 2011, p. 25)

O nome Sateré-Mawé, é formado por dois termos da língua, “Sateré” significa “lagarta de fogo”, que se refere ao clã mais importante da sociedade Sateré, “Mawé”: significa “papagaio inteligente e curioso”, que não é uma designação clânica. (LORENZ-1992)

Faz-se necessário, também, uma contextualização do rio Uaicurapá e sua população, para então apresentar a comunidade da aldeia em que foi realizada a visita técnica em destaque.

Segundo Teixeira (2005) “em 2002/2003, uma parceria entre instituições governamentais, organizações indígenas e agências das Nações Unidas” houve um “(...) levantamento censitário, desta vez junto ao povo sateré-mawé, também no Estado do Amazonas”.

Naquela época estavam localizadas, na região do Rio Uaicurapá, quatro comunidades habitadas por 202 indivíduos, nas comunidades de Villa Batista I com 190 habitantes, São Francisco com 65 habitantes, Nova Alegria com 59 habitantes e Vila da Paz com 59 habitantes. (TEIXEIRA, 2005).

As casas são distribuídas aleatoriamente na localidade, possuem energia elétrica e água que é bombeada direto do rio para algumas casas, que possuem caixa d’água.

Há algumas plantações próximas às casas e várias árvores frutíferas e pequenas plantações, dentre as quais se destacam os cajueiros, abacaxis e manivas de macaxeira ou mandioca.

Segundo Lorenz (1992) apud Torres et al (2014) a produção é de subsistência e “baseia-se na agricultura. Plantam para o consumo próprio e também para venda e troca quando é possível. São exímios caçadores, coletores e pescadores” (p.78)

A aldeia indígena Monte Betel é a primeira comunidade indígena do Rio Uaicurapá, sendo constituída por quinze famílias que nela residem.

A disposição física da comunidade Monte Betel é constituídas por casas de madeira dispostas ante a um amplo espaço de socialização e recepção de visitantes, que também funciona como escola para as crianças e adolescentes.

Ao lado deste ambiente, encontra-se uma espécie de cozinha coletiva, onde os moradores fazem suas refeições de forma coletiva, sobretudo em eventos como este.

Durante a visita na aldeia indígena de Monte Betel, percebeu-se entre seus moradores, a utilização constante da língua Sateré-Mawé, do tronco linguístico Tupi, por diferentes faixas etárias, porém no ambiente em que funciona a escola foram verificados apenas cartazes escritos em português.

Sobre esta questão Silva (2007) afirma quanto ao uso da língua Sateré-Mawé é:

(...) que, cada vez mais a língua está perdendo espaço para o Português em área indígena, isso se reflete no ensino bilíngüe e diferenciado. Os professores adotaram a proposta do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (...) sem, sequer, refletir sobre as implicações que ela pode acarretar na vitalidade da língua. (p 83).

Observa-se, neste sentido que, sobretudo entre as gerações mais jovens a utilização da língua materna é observada de forma tímida e claudicante, parecendo este um desafio à comunidade, a perpetuação de sua língua materna pelas gerações mais jovens, que não obstante são socializados na educação escolar tendo a língua portuguesa como idioma principal, como também, o significativo intercâmbio, sobretudo, dos mais jovens com a sede do município, tornando o aprendizado e a utilização de sua língua materna cada vez mais dificultosa entre este universo.

O convite para a visita constituiu-se de uma iniciativa das lideranças das comunidades do Rio Uaicurapá, que encaminharam documentação à Direção Geral do IFAM/CPA *Campus Parintins* para aquela solenidade. O objetivo era o celebrar o início de uma parceria entre o IFAM/CPA e os remanescentes e descendentes da etnia Sateré-Mawé, que por meio de intervenção realizada pelo NEABI-IFAM/CPA.

O NEABI-IFAM/CPA configura-se como um espaço de promoção de pesquisas, debates e construção de propostas para intervenções junto a comunidades indígenas e quilombolas, na região do Baixo-Amazonas, nos limites de atuação do *Campus Parintins*.

Por isso durante a viagem aproveitou-se para fazer uma primeira entrevista com os professores da comitiva. Fez-se apenas uma pergunta com o objetivo de verificar a

expectativa destes durante a atividade, cujo resultado pode ser observado no quadro a baixo, no qual se busca responder no quadro abaixo a pergunta: Como você vê uma atividade desta para sua área de atuação?

TABELA 1 – Percepção dos professores membros da comitiva.

Professor 1	Desenvolver a possibilidade de compreender a diversidade das formas de organização social das comunidades tradicionais da Amazônia, e como podemos interagir (adquirindo experiências e difundindo conhecimentos) no sentido de possibilitar que o IFAM/CPA possa, enquanto instituição dialogar de forma mais aprofundada com as comunidades em seu entorno.
Professor 2	Valorização da cultura materna. Acesso a novas formas de linguagens. Estudo de variações linguísticas.
Professor 3	Importante, pois o conhecimento a ser assimilado dos povos indígenas, como seus costumes e culturas podem ser compartilhados aos discentes e docentes, buscando a valorização desses povos.
Professor 4	Enquanto Geógrafo é importante observar em loco como ocorre a interação do homem em seus mais distintos grupos com o espaço geográfico. É a partir dessas interações que conseguimos entender a geografia vivida no cotidiano do grupo social, verificando assim como o espaço geográfico se manifesta na percepção daquele grupo.
Professor 5	Diante deste desafio, estamos confiantes de que esta ação gerará inúmeros frutos, pois somos os pioneiros neste <i>Campus</i> a enfrentar tal empreitada, logo veremos os resultados deste processo para a valorização social, cultural e histórica do povo Sateré-Mawé, isso possibilitará o intercâmbio de diferentes conhecimentos e troca de experiência além de possibilitar a produção e a salvaguarda de material linguístico.

Fonte: Manoel Ferreira Falcão. Diário de Campo (2017).

Percebeu-se nas respostas dos professores uma expectativa positiva a respeito do que será realizado futuramente junto aquela comunidade, pois a partir dela poder-se-á elaborar outros projetos de intervenção.

Sobre o que esta atividade poderá proporcionar aos participantes, Rocha (2017) afirma que:

Acima de tudo temos que entender que isso é uma troca de experiências, Como já dizia Paulo Freire a gente ensina aprendendo. São novidades, é um outro mundo, haja vista a realidade de acesso, é uma outra cultura, tivemos a oportunidade de observar indígenas com habilidades em falar outras línguas, além da língua nativa a gente não espera que haja isso nas comunidades .

Constituído recentemente por profissionais do IFAM/CPA, o NEABI-IFAM/CPA, atualmente, desenvolve ações relacionadas à temática e indígena neste *Campus*, dentre as ações já realizadas destacam-se<sup>12</sup>, O Projeto de Extensão “Promovendo a Segurança Alimentar em Comunidade no Interior de Parintins” através do qual a comunidade acadêmica (estudantes, funcionários técnicos administrativos e professores), vem organizando e promovendo atividades na Aldeia Monte Betel.

Além disso, entre setembro e Novembro de 2017, o NEABI-IFAM/CPA promoveu a realização do curso de idiomas voltado exclusivamente aos indígenas Saterê-Mawé residentes na Calha do Rio Uaicurapá.

<sup>12</sup> Portaria IFAM/CPA Número 506 de 1º de novembro de 2017.



### Reunião com as lideranças da comunidade e as propostas apresentadas

Foi realizada uma reunião com as devida cerimônia em que foram apresentadas as lideranças de cada uma das aldeias daquele rio, bem como a liderança geral do Rio Uaicurapá como se observa na figura abaixo:



**Figura 01**– Reunião com os líderes das aldeias do rio Uaicurapá.  
Visita Técnica, Aldeia Monte Betel, (Parintins-Am).  
**Fonte:** Acervo do NEABI-IFAM/CPA, Setembro/2017.

Estes líderes comunitários, chamados de “tuxaua”<sup>13</sup>, saudaram nossa visita em sua língua ancestral e encaminharam demandas de suas respectivas comunidades aos representantes do IFAM/CPA. Conforme salienta Nascimento e Torres (2014):

Os sateré-mawé estão espalhados ao longo dos rios Andirá, Marau, Miriti, Urupadi, Majuru Uaicurapá e igarapés afluentes destes rios. Cada comunidade, assim, denominada é organizado a partir da figura de um tuxaua que é o responsável por todos os que vivem no local (p.73)

No que diz respeito às demandas da comunidade, foi realizada o seguinte questionamento Pela comitiva do NEABI-IFAM/CPA:

“O quê a comunidade espera dessa parceria o que o IFAM/CPA pode oferecer à Comunidade?”

Foi apresentada pela comunidade, através de documento protocolado junto ao IFAM/CPA Solicitação de Cooperação Técnica nas seguintes áreas: Plantio de hortaliças; Criação de peixes; Criação de aves; Criação de suínos; Horta; Prevenção antidrogas;

<sup>13</sup> Representantes dos dogmas e segredos da cultura.

Atividades socioeducativas e educação ambiental; Atividades ligadas à cultura e a arte, não houve gravação de áudios das lideranças.

Durante a reunião a Direção Geral fez a apresentação das propostas da equipe e posteriormente ouviu-se as inferências dos líderes que solicitaram e encaminharam formalmente aos representantes do IFAM/CPA diversas demandas das comunidades da região, dentre elas destacaram-se a solicitação de cursos de idiomas promovidos no espaço da própria comunidade, com professores cedidos pelo IFAM/CPA, além do auxílio e suporte técnico nas áreas de produção agrícola e aquícola.

Sobre o retorno para a comunidade na qual foi realizada a atividade, Rocha (2017) assegura que:

Isto já gerou expectativas, eles ficaram muito empolgados com a possibilidade de desenvolvimento de outros projetos voltados para área de alimentação, pois eles relataram que a dificuldade maior deles é a alimentação, pois eles ainda não estão equipados para desenvolver atividades de piscicultura e agricultura, por falta de conhecimento técnico de recursos, quem sabe o IFAM/CPA possa estimular este povo a produzir e a buscar ajuda fora mesmo.

Com base no levantamento sobre a população sateré-mawé da aldeia Monte Betel no rio Uaicurapá, através do Diagnóstico Participativo Sócio Demográfico, que foi realizado em novembro 2017.

O qual norteará as ações do IFAM/CPA junto aquela comunidade em conjunto com o que foi apresentado pela comunidade, enquanto, Solicitação de Cooperação Técnica nas seguintes áreas: Plantio de hortaliças; Cultivo de peixes; Criação de aves; Criação de suínos; Horta; Prevenção antidrogas; Atividades socioeducativas e educação ambiental; Atividades ligadas à cultura e a arte.

Wagley (1988) defende que:

São as tradições culturais desse povo que lhe proporcionarão os instrumentos, o conhecimento e a técnica para enfrentar o ambiente. É a cultura que determina os fins para os quais os homens de uma determinada área fazem uso de sua técnica e é o sistema social que determina a organização do trabalho e a distribuição dos produtos desse trabalho. (p. 39,40)

Apesar da visão tipicamente colonialista de Wagley este fazer sentido na cultura é a chave para as mudanças tecnológicas que tragam melhorias para os comunitários sem sobrepor os conceitos culturais relativos ao sentido ontológico do trabalho e suas implicações com a natureza.

Por isso a importância desta visita para que se possam levantar as demandas e possibilidades de realização de ações conjuntas na comunidade, através do NEABI-

IFAM/CPA, além disso, poder-se-á realizar, também, projetos de intervenção como a produção de material linguístico para uso em sala de aula, e ainda a solicitação da salvaguarda dos materiais já existentes na língua Sateré-Mawé, nos âmbitos de saúde e da educação, ou na área da produção de documentários sobre a preservação da cultura, sobre a relação dos indígenas daquela aldeia com a natureza e sobre o uso da língua na própria aldeia.

Rocha (2017) avalia de forma positiva esta ação:

Apesar de todas as dificuldades para chegar lá, tivemos a oportunidade de ter a companhia do DSEI-SESAI, fomos em comboio, e essa interação, pois eles tem experiência isso nos traz uma certa segurança para nossas atividades. Sem dúvida a avaliação foi positiva, pelo ânimo de todos aqueles envolvidos, pela dedicação, pelo empenho e pelo interesse de cada profissional, apesar de toda dificuldade, foi uma festa .

Rocha continua:

Fico ansioso com a próxima ida lá, temos que ter o cuidado de não gerar falsas expectativas, temos muito cuidado de fazer aquilo que está ao nosso alcance, não fazendo promessas que não possam ser cumpridas, pois temos uma boa estrutura capaz de desenvolver atividades excelentes com aquele povo.

Esta perspectiva pode ser percebida por meio das entrevistas realizadas junto aos Membros da Comitativa do NEABI-IFAM/CPA, e o Diretor Geral do *Campus* Parintins abordando questões relacionadas à importância de atividades relacionadas a esta natureza, a saber, a promoção da extensão institucional do IFAM/CPA nas comunidades tradicionais da região, em cumprimento da missão institucional.

Rocha (2017) comenta sobre a importância das ações de parceria entre o *Campus* e a comunidade Sateré-Mawé:

Sobre tudo no aspecto cultural foi muito importante, temos como resultado o início das tratativas para estabelecer termos de cooperação com duas importantes associações culturais representativas daquela região do Uiaicurapá, além disso, houve a oportunidade de estabelecer contato com todas as lideranças, no aspecto técnico científico haverá uma troca, eles serão qualificados, não só na questão linguística, mas principalmente nos meios de subsistência.

Tal importância pode ser averiguada por meio da análise da opinião inicial dos membros da comitativa e da Direção Geral sobre o resultado que esta atividade poderá promover, serão elaborados, a partir dela, os planos de ação para as próximas ações, ponderando, sempre, sobre os resultados obtidos e o que pode ser realizado através desta parceria.

### **Considerações finais**

O advento do diálogo direto, *in loco*, com a comunidade, ajudou a construir a possibilidade de criar formas efetivas de tornar o espaço institucional da pesquisa e da extensão no IFAM/CPA de efetivamente contribuir para possibilitar o desenvolvimento socioeconômico, cultural e social das comunidades tradicionais em seu entorno. Nesse sentido, merece destaque também o fato de que os profissionais da Instituição dirigiram-se à comunidade priorizando em primeiro lugar, ouvir as demandas locais (para posteriormente agir, baseado em suas requisições iniciais), conhecer quais são as reais necessidades de seus moradores para, então buscar, na medida do possível, desenvolver ações que efetivamente auxiliem e ajudem a melhorar a qualidade de vida dos moradores desta e de outras comunidades tradicionais.

Pois vale lembrar que muitas vezes, as próprias Instituições oficiais desenvolvem ações baseadas nas impressões de seus profissionais, permeadas de valores e práticas, externas e exógenas aos próprios habitantes dessas comunidades. Costuma-se na maioria das vezes, falar “em nome das comunidades”, e não “com as comunidades”. Neste sentido, atribuir importância central às demandas locais como ponto de partida para futuras ações institucionais configura-se como um dos pontos fundamentais agregados pela experiência aqui descrita.

### **Referências**

BRASIL, Lei 11.892/2008. Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões / organização Juracy Resende Silva. – Natal: IFRN, 2009.

CUNHA, Manoela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro W. B. populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro et al. Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.  
Rocha (2017)

LORENZ, Sonia da Silva. Sateré-Mawé: os filhos do guaraná- São Paulo: Centro de trabalhos indigenistas, 1992- (Projetos1).

Nascimento e Torres in TORRES, Iraildes Caldas (Org.). Mulheres sateré-mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais. Organizado por Iraildes Caldas Torres. Manaus: Valer, 2014.

ROCHA, Gutemberg Ferraro, entrevista concedida a Manoel Ferreira Falcão, Parintins, 04 de outubro de 2017.

SILVA, J.R. (Org.) Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões, Ed IFRN, Natal, 2009.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. Esboço sociolingüístico Sateré-Mawé. *Tellus*, ano 7, n. 13, out. 2007.

SOUZA, Kalinda Félix de. Regimes e transformações cosmológicas da pajelança Sateré-Mawé / Kalinda Félix de Souza. - Manaus: UFAM, 2011.

TEIXEIRA, P. Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena. Manaus: Unicef/Unfpa, 2005.

WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica. São Paulo: Ed Itatiaia Limitada, 1988.